

Introdução

«Fenómeno ilegal», foi assim que Boris Pasternak, numa ocasião, caracterizou Mikhaíl Bulgákov. De facto, este escritor, hoje em dia com uma incontestável fama mundial, na sua vida literária teve a condição de uma espécie de sem-abrigo. Ligado à tradição do século XIX russo, grande admirador de Nikolai Gógol e de Mikhaíl Saltíkov-Chiedrin, criando situações e personagens que, claramente mas sem imitações, nos lembram algumas situações e personagens de Lev Tólstói, tendo dado, no início, os mesmos passos que Anton Tchékhov (médico, autor de pequenos panfletos e ensaios humorísticos), alheio às buscas formais da sua época, parecia a muitos dos seus contemporâneos um «anacronismo». No entanto, este fiel discípulo dos mestres «clássicos» criou uma escrita absolutamente original, cheia de fantasia brilhante e de jogo experimental no enredo e na palavra. Ao ler o manuscrito do seu O Mestre e Margarida, «romance do ocaso», Anna Akhmátova disse: «É um génio».

Mikhaíl Bulgákov (1891-1940) nasceu em Kíev, na família de um professor da Escola Superior Eclesiástica. Entre 1909 e 1916 estudou na faculdade de medicina da Universidade de Kíev. Durante a Primeira Grande Guerra, trabalhou nos hospitais militares e num hospital rural da província de Smolensk e da cidade de Viazma. Mais tarde, depois da desmobilização em 1918, exerceu prática particular como médico venerologista. Até 1919, na situação da guerra civil, em que a mudança de poderes em Kíev era verdadeiramente caleidoscópica, «foi recrutado sucessivamente como médico militar por todos os poderes que ocuparam a cidade», como escreveu num dos inquéritos curriculares. Assim, em 1919, quando Kíev foi tomada pelo Exército Branco do general Denúkin, Bulgákov foi mobilizado e mandado para a frente de combate do Cáucaso do Norte. Ali, depois de se demitir do hospital em 1920, começou a trabalhar como jornalista e a escrever teatro (cinco peças, das quais foi conservada apenas uma). No fim da guerra civil, estava pronto a emigrar, juntamente com milhares de pessoas que não aceitaram o poder bolchevique, mas em vez

disso mudou-se para Moscovo, onde ficou a viver para sempre. Trabalhou como repórter, escreveu panfletos, aceitando qualquer trabalho para ganhar a vida. Em 1922-1923, publicou a novela Apontamentos nos Punhos da Camisa, o conto Aventuras de Tchítchikov e alguns outros no suplemento literário do jornal berlinense Nakanune («Na Véspera»), em 1924 a novela Diabolíada no almanaque Nedra («Subsolo») e, no ano seguinte, Os Ovos Faúdicos. As primeiras duas partes do seu romance A Guarda Branca apareceram em dois números da revista Rossia («Rússia») em 1924-1925.

A Guarda Branca é um romance sofrido e sofredor, nunca publicado na íntegra em vida do autor, escrito sob as dolorosas impressões dos acontecimentos vividos por Mikhaíl Bulgákov em Kíev, sua cidade natal, no auge da guerra fratricida, quando a lei da vida era contestada e cada novo dia trazia apenas a morte, o sofrimento e a destruição. Dizem que é um romance autobiográfico, o que é verdade mas apenas em parte — é tão autobiográfico como muitas outras obras dos escritores russos que, por qualquer destino fatal, ao verem-se no epicentro da dor coletiva fazem dela a sua própria dor, exprimindo-a na sua escrita como os únicos e fiéis defensores da indefesa vida humana.

Este romance entrelaça um fundo histórico muito preciso mas também muito confuso — as sequelas imediatas da Primeira Guerra Mundial e o início da guerra civil sob o poder bolchevique — e um fundo familiar e íntimo: uma casa, um lar. Para que o leitor menos familiarizado com a história russa daquela época compreenda melhor a trama do livro, fazemos abaixo um pequeno esboço histórico das movimentações militares e políticas nos curtos anos que abrangem a ação do romance.

Havia então uma casa, um lar. Com o seu calor, os seus hábitos, tradições, sentimentos, a sua gíria familiar. E havia à volta a Cidade, antiga, bela, rica, animada, querida. E à volta desta Cidade — círculos concêntricos — havia um gigantesco país, para o qual a Cidade era a primeira capital histórica, «mãe de todas as suas cidades». Mas sopraram os ventos gelados, e cada nova rajada, irrompendo com as mutáveis bandeiras da respetiva cor e das suas dispares e allisonantes palavras de ordem, é arrasadora e semeia sangue, sangue pelo qual ninguém vai assumir a responsabilidade. Então, os habitantes do lar com «cortinas de cor bege» saem de casa e, impelidos pelo dever e pela honra, avançam para uma desesperada tentativa de luta.

Mas o que aconteceu na realidade na Cidade que era Kíev, capital daquela parte da Rússia que era a Ucrânia? Aconteceu que, quando o governo bolchevique, por insistência de Lênin, assinou, de forma unilateral, o armistício de Brest-Litovsk (em março de 1918), sob condições muito gravosas para a Rússia — perda de grandes territórios ocidentais do país, inclusivamente da Ucrânia —, em Kíev o hétman Pável Skoropádski, apoiado pelos ocupantes alemães, dissolveu o Conselho Central

(Rada), proclamou a independência da Ucrânia e ficou com o poder nas mãos. Os oficiais russos que se encontravam em Kíev deviam, formalmente, constituir o exército para a defesa do «novo país», mas as autoridades não fizeram nada para a organização deste exército, apostando antes nas tropas alemãs que mandavam e desmandavam nesta terra, provocando o descontentamento e a revolta, em primeiro lugar, dos camponeses. Quando, depois da revolução de novembro de 1918 na Alemanha, este país e os seus aliados foram derrotados na Grande Guerra, os alemães abandonaram a Ucrânia. O governo do hétman fugiu de Kíev, sem avisar as tropas «brancas» pouco numerosas e desorganizadas. Por isso o exército ucraniano nacionalista de Símon Petliura entrou em Kíev com facilidade, mas o seu «Diretório» manteve o poder pouco tempo, expulso pela ofensiva do Exército Vermelho.

O romance acaba precisamente neste momento. Para Bulgákov, porém, não é o ponto final. Porque: «Tudo passa. Sofrimentos, dores, sangue, fome e peste. A espada vai desaparecer, mas as estrelas vão permanecer no céu quando nem uma sombra dos nossos corpos e das nossas obras restar no mundo. Não há ninguém que não o saiba. Então, porque não queremos volver os nossos olhos para elas? Porquê?»

Nina Guerra e Filipe Guerra

PRIMEIRA PARTE

1

Era grande e terrível aquele ano, o de 1918 após o nascimento de Cristo e o segundo após o começo da revolução. Abundante de sol no verão e de neve no inverno; e dois astros brilhavam muito altos no céu: a Vénus noturna, estrela dos pastores, e Marte vermelho e trémulo.

Mas os dias, tanto nos anos de paz como nos sangrentos, voam como flechas, e os jovens Turbin nem se deram conta, no meio do frio de rachar, que chegara o dezembro branco e algodoado. Ó nosso avô das árvores natalícias, cintilante de neve e de felicidade! Mãe, rainha luminosa, onde estás?

Um ano depois do casamento da filha Elena com o capitão Serguei Ivánovitch Thalberg, e na mesma semana em que o filho mais velho, Aleksei Vassílievitch Turbin, regressou à Ucrânia, à Cidade, ao ninho materno, depois do serviço militar, das duras campanhas e das desgraças, levaram o caixão branco com o corpo da mãe pela íngreme ladeira Alekséevski até Podol, para a pequena Igreja de São Nicolau Bondoso, aquela de Vzvoz³.

Quando celebravam a missa de corpo presente era maio, as ginejeiras e as acácias tapavam por completo as janelas ogivais. O padre Aleksandr, titubeante de tristeza e timidez, brilhava e faiscava junto às

³ A «Cidade» é Kíev, que até ao século XII era o centro político, cultural e comercial da Rússia antiga. Escrevendo esta palavra, Bulgákov acentua o carácter épico dos acontecimentos. Podol é a parte baixa de Kíev. A igreja de São Nicolau Bondoso foi construída em madeira, no século XVI, pelo *hétman* Matvei Kochka juntamente com um hospital para doentes e velhos; daqui, o nome da igreja. A igreja ardeu em 1651 e, mais tarde, foi reconstruída várias vezes. Foi nesta igreja que Mikhaíl Bulgákov se casou, em 1913, com Tatiana Lappa, sua primeira mulher. *Vzvoz* — esta palavra, em ucraniano, significa «ladeira».

chamas douradinhas, e o diácono, de cara e pescoço cor de lilás, todo de ouro forjado até às biqueiras das botas de viras rangentes, ribombava sombriamente as palavras da oração da despedida da mãe que abandonava os seus filhos.

Aleksei, Elena, Thalberg, e também Aniuta, que cresceu em casa dos Turbin, e Nikolka, aturdido pela morte, com a marrafa a cair-lhe sobre o sobrolho direito, estavam ao pé do velho e castanho São Nicolau. Os olhos azul-claros de Nikolka, de ambos os lados do nariz comprido como um bico de ave, olhavam desconcertados, mortificados. De vez em quando levantava-os para a iconóstase, para a abóbada do altar mergulhada na penumbra, onde se elevava o velho Deus, triste e enigmático, e pestanejava. Que culpa provocara esta ofensa? Esta injustiça? Porque foi preciso tirar-lhes a mãe agora que estavam todos juntos, que chegou por fim algum alívio?

Deus, voando para o céu negro e rachado, não dava a resposta, e Nikolka ainda não sabia que tudo o que acontecia era sempre certo e apenas para o melhor.

A missa acabou, saíram para as lajes sonoras do adro e acompanharam a mãe, através da enorme cidade, para o cemitério onde, debaixo da cruz de mármore preto, há muito jazia o pai. E enterraram a mãe. Oh... oh...

Muitos anos antes da morte da mãe, na ladeira Alekséevski, nº 13, ardia o fogão revestido de azulejos da sala de jantar e assistia ao crescimento da Elena pequena, do Aleksei, o mais velho, e do minúsculo Nikolka. Tantas vezes, junto à parede de azulejos a esquentar, se lia *O Carpinteiro de Zaardam*⁴, o relógio tocava uma gaivota e, no fim de dezembro, cheirava sempre a abeto, e a parafina multicolor ardia nos ramos verdes! Em resposta à gaivota do relógio de bronze, no quarto da mãe, agora o de Elena, o relógio preto de parede tocava notas de carrilhão. O pai comprara-o muito tempo atrás, quando as mulheres usavam aquelas mangas cómicas, tufadas nos ombros. Essas mangas desapareceram, o tempo cintilou como uma faísca, o pai, professor catedrático, morreu, todos cresceram, mas o relógio ficou na mesma e continuava a tocar aquela toada de carrilhão. Toda a gente estava tão habituada a ele que, se o relógio desaparecesse da parede por milagre,

⁴ *O Carpinteiro de Zaardam* — romance do escritor russo Piotr Furman (1816-1856) sobre a juventude do czar Pedro, o Grande, quando este trabalhava como simples carpinteiro num estaleiro da cidade de Zaardam, na Holanda.

seria tão triste como se uma voz querida morresse e fosse impossível colmatar o seu lugar vazio. Felizmente, o relógio é absolutamente imortal, e o *Carpinteiro de Zardam* é imortal, e também é imortal o azulejo holandês, como uma rocha sábia, vivificante e cálida mesmo nos tempos mais graves.

Foram então estes azulejos e os móveis de velho veludo vermelho, e as camas com borlas brilhantes, os tapetes coçados, carmesins e furta-cores, com o czar Aleksei Mikháilovitch⁵ de falcão na mão, com Luís XIV a entregar-se à lassidão na margem do lago sedoso do jardim paradisíaco, e os tapetes turcos com rabiscos estranhos no pano de fundo oriental e que enformavam o delírio do pequeno Nikolka quando teve a febre escarlatina, o candeeiro de bronze sob o quebra-luz, os melhores armários de livros do mundo com cheiro a misterioso chocolate antigo, com Natacha Rostova⁶, com a *Filha do Capitão*, as chávenas douradas, os talheres de prata, os retratos, os reposteiros — foram então todas as sete salas poeirentas e atulhadas que viram os jovens Turbin a crescer, e foi tudo isto que a mãe, nos tempos mais difíceis, deixou aos filhos e, sufocando e perdendo já as forças, agarrando-se à mão de Elena em lágrimas, disse:

— Vivei... em amizade.

Viver, mas como? Viver como?

Aleksei Vassílievitch Turbin, o irmão mais velho, jovem médico, tem vinte e oito anos. Elena tem vinte e quatro. O capitão Thalberg, seu marido, trinta, e Nikolka tem agora dezassete e meio. E a vida deles foi minada em pleno amanhecer. Há muito que começaram as rajadas do norte, sopram e sopram, e não param, vão de mal a pior.⁷ O mais velho dos Turbin regressou à cidade materna depois da primeira trovoadas que fez abalar os montes sobranceiros ao Dniepre. Bem, pensamos nós, isto vai parar, e vai começar a vida de que se fala nos livros de chocolate; mas não começa, e não só — é como se, a toda a volta, a vida fosse ficando cada vez mais pavorosa. No norte, a nevasca uiva e uiva, mas aqui as entranhas incomodadas da terra trovejam surdamente, resmungam. O ano de 1918 aproxima-se vertiginosamente do seu fim, e de dia para dia mostra-se mais terrível e eriçado.

⁵ Aleksei Mikháilovitch (1629-1676) — czar russo, pai do imperador Pedro, o *Grande*.

⁶ Natacha Rostova — uma personagem do romance *Guerra e Paz* de Lev Tolstói.

⁷ Trata-se dos acontecimentos em Petrogrado e Moscovo: a revolução de fevereiro de 1917, a revolução de Outubro do mesmo ano, o começo da guerra civil, o terror.

As paredes vão cair, o falcão assustado vai fugir da luva branca, a chama vai apagar-se no candeeiro de bronze, *A Filha do Capitão* será queimada no fogão. A mãe disse aos filhos:

— Vivei.

Mas eles terão de sofrer e morrer.

Um dia, ao crepúsculo, pouco depois do funeral da mãe, Aleksei Turbin foi ter com o padre Aleksandr e disse-lhe:

— Sim, é a nossa tristeza, padre. É difícil esquecer a nossa mãe, ainda por cima os tempos correm nefastos... Como vê, acabei de voltar e pensava que íamos endireitar a vida, mas olhe...

Calou-se e, sentado ao pé da mesa, na penumbra, ficou-se pensativo e olhando para o longe. Os ramos do adro da igreja tapavam também a pequena residência do padre. Parecia que aqui mesmo, por trás da parede do minúsculo gabinete atulhado de livros, começava a floresta primaveril, misteriosa, entrelaçada. A Cidade enchia-se do barulho surdo do início da noite, cheirava a lilases.

— Nada a fazer, nada a fazer — murmurou, atarantado, o padre. (Atarantava-se sempre quando tinha de conversar com as pessoas.) — É a vontade de Deus.

— Talvez um dia tudo isto acabe? E depois será melhor, não? — perguntou Turbin, sabia-se lá a quem.

O padre mexeu-se na poltrona.

— Tempos difíceis, tempos difíceis, sem dúvida alguma — murmurou —, mas não se deve desanimar...

Depois, de repente, colocou uma mão branca, libertando-a da manga escura da sotaina, sobre uma pilha de livros e abriu o de cima, onde tinha um marcador bordado a cores.

— Não se pode admitir o desânimo — pronunciou timidamente mas, de certo modo, com um efeito muito convincente. — O desânimo é um grande pecado... Embora eu acredite que ainda se vai passar por grandes provações. Claro, claro, grandes provações. — Falava com uma convicção cada vez maior. — Tenho de dizer que, ultimamente, passo todo o meu tempo à volta dos livrinhos, os da minha profissão, é claro, obras teológicas, principalmente...

Levantou o livro de modo a que a última luz da janela caísse sobre a página e leu:

— «E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue.»⁸

⁸ *E o terceiro anjo...* — Apocalipse, 16:4.